

Balanço positivo

JORNAL DE BRASÍLIA

A moda é comentar os primeiros 100 dias do governo FHC e dos governos estaduais. Se há uma boa conclusão dos primeiros 100 dias de Governo é que o Brasil, que gosta tanto de imitar outros países, nem sempre naquilo que eles têm de melhor, poderia copiar o costume da imprensa e dos políticos de darem trégua a um novo governo que se instala, de modo que ele tenha tempo para mostrar a que veio.

Esse costume salutar está longe de ser praticado no Brasil. Aqui, o Governo toma posse no dia 1º de janeiro e dias depois já começam as queixas e reclamações. A impressão que se tem é que o País vive à espera do que decide o Governo Federal, ou os estaduais, o que é uma balela. Por maior que sejam as decisões de nível federal ou estadual elas só afetam realmente a vida cotidiana da produção econômica ou dos interesses imediatos dos cidadãos quando chegam ao nível do Plano Collor, que confiscou poupanças de pessoas físicas, num gesto sem precedentes no mundo contemporâneo.

Aos que se precipitam no julgamento do governo FHC, ou do Governo do Distrito Federal, caberia lembrar, antes de mais nada, que toda administração que se inicia é herdeira de outra que a antecedeu. E essa herança nem sempre é lembrada, como se o País começasse a existir do zero. Além disso, é preciso levar em conta que a descontinuidade administrativa é um dogma no

País, uma cultura de profundas raízes e tradições, de tal maneira que nenhum governo se sente na obrigação de dar continuidade ao trabalho do antecessor — principalmente se for da oposição.

Descontados esses fatores, a verdade é que o Brasil ingressou realmente em novo tempo a partir da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso. A taxa inflacionária está dominada, a economia dá mostras de desenvolvimento e até de ritmo acelerado em certos setores, que forçam as autoridades monetárias a medidas de controle de consumo. A democracia vive, como no governo anterior, a sua plena vitalidade, em clima de liberdade e de estado de direito. Os investimentos nacionais e estrangeiros aumentam, a privatização segue sem rumo e as reformas constitucionais, malgrado o obstuso comportamento de alguns setores e traições de apoiadores do Governo, seguem seu curso no Congresso onde, aos trancos e barrancos, deverão terminar sendo aprovadas.

Assim, embora 100 dias sejam um marco inexpressivo num governo de quatro anos, se alguém se der ao trabalho de fazer um balanço honesto e sereno só poderá concluir que o Brasil vai bem e, com a ajuda do Congresso, estará ainda melhor quando ingressar no ritmo de crescimento e de justiça social que as reformas apontam.